

## A SUBJETIVIDADE NA AVALIAÇÃO EM UM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESIGN INSTRUCCIONAL

Maria de Lourdes Ribeiro<sup>1</sup>, Inajara Anselmo R. Miranda<sup>2</sup>, Cláudia Eliane da Matta<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Itajubá/Nead/marialourdesribeiro@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Itajubá/Nead/inajara@colegiodeitajuba.com.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de Itajubá/Nead/claudia.matta@unifei.edu.br

**Resumo** – Este artigo tem como tema a avaliação praticada em ambiente de Educação a Distância. Enquanto importante etapa do processo de aprendizagem tem-se observado que a ação avaliativa encontra-se saturada da visão subjetivista do sujeito avaliador. A avaliação ocupa papel especial no processo de construção do conhecimento, uma vez que é a partir de seus resultados que o processo de aprendizagem é retomado. Por sua vez, o aluno, sujeito receptor dos feedbacks avaliativos, fica à mercê dos critérios subjetivistas de seus formadores. É bastante comum reproduzirem o mesmo comportamento do avaliador, quando necessária a inversão dos papéis dos sujeitos. Objetiva-se discutir a questão da subjetividade em avaliação, argumentando-se em favor de avaliar com maior amplitude a produção e a participação dos estudantes, em especial na autoavaliação do aluno, no final da disciplina. A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa e quantitativa. Para a coleta de dados foram utilizadas as informações disponibilizadas no instrumento de avaliação de cinco disciplinas do curso de “Design Instrucional” ofertado por uma Instituição de Ensino Superior pública no ano de 2013. Da análise da subjetividade implícita na avaliação, pode-se perceber que o aluno oferece informações importantes ao final de cada disciplina.

**Palavras-chave:** Subjetividade. Avaliação. Design Instrucional. Educação a Distância.

**Abstract** – This article has as its theme the evaluation practiced in Distance Education ambient. As an important step in the learning process has been observed that the evaluative action is saturated with the subjectivist view of the appraiser subject. The evaluation takes up special role in knowledge construction, since it is from their outcomes that the learning process is taken. In turn, the learner recipient subject of evaluative feedback, remains at the mercy of their trainers subjectivist criteria. It is quite common to reproduce the same behavior of the appraiser when required reversal of the roles of the subjects. The objective is to discuss the issue of subjectivity in evaluation, arguing in favor of a broader evaluation the production and participation of learners, especially the learners' self-evaluation at the end of the course. The methodology used is the qualitative and quantitative research. The information provided in the instrument of Evaluation of five disciplines of course "Instructional Design" offered by a Public Superior Education Institution in 2013. Analyzing the underlying subjectivity in the evaluation,

*it can be noticed that the learner provides important information at the end of each discipline.*

*Keywords: Subjectivity. Evaluation. Methodology. Instructional Design. Distance Education.*

## **Introdução**

Para que se possa negar a educação reprodutora de desigualdades sociais e, de fato, democratizar o ensino é necessário, sempre, repensar a prática pedagógica. A elaboração de instrumentos de avaliação encontra-se atrelada aos objetivos de ensino descritos no planejamento e esses instrumentos devem contemplar determinados parâmetros para que o processo seja justo e, se necessário, revisto. A avaliação, assim inserida como ferramenta do processo educativo é uma tarefa complexa porque requer a seleção de atributos objetivos e precisos que sejam significativos para julgar o valor da produção dos aprendentes.

O presente artigo objetiva discutir a questão da subjetividade implícita na avaliação em cursos on-line. Pretende-se argumentar em favor de avaliar com maior amplitude a produção dos estudantes, considerando que a tendência das práticas subjetivistas, atualmente em vigor, seja insuficiente para um olhar significativo sobre a aprendizagem e formação integral do aprendiz, indicando poucos avanços. Por isso, acredita-se que o olhar subjetivo na autoavaliação do aluno se configura como elemento diferencial capaz de ofertar maior proximidade entre os sujeitos da aprendizagem e sua produção, bem como valorar aspectos que se aproximem da realidade social do grupo, dos objetivos da disciplina e da proposta do curso.

Abordar essa temática vem de encontro à necessidade de conduzir um novo olhar para a avaliação praticada na Educação a Distância (EaD), que ao contrário do que se pensa, não caminha na contramão da educação formal, apenas diferencia-se dela em alguns aspectos, principalmente no que diz respeito à mediação da aprendizagem em ambientes mais cooperativos e colaborativos e de forma mais dinâmica e interativa. “Os professores concordam em afirmar que a avaliação é uma área de enorme falta de preparação, mesmo reconhecendo sua decisiva importância” (BORDENAVE; PEREIRA, 1999, p. 4).

Parte-se do pressuposto que da forma em que são utilizados, os critérios da avaliação subjetiva podem não ser suficientes para representar uma situação real de aprendizagem e ofertar elementos satisfatórios para a construção do processo de formação do estudante, visto que não se constata com frequência, a retomada do processo diagnóstico após o resultado avaliativo. Ainda relevante destacar que, ao que parece, inúmeros comportamentos do aluno virtual, passíveis de algum tipo de avaliação estejam a constituir bancos de dados sem nenhuma utilidade prática. Há ainda que se considerar que a avaliação subjetiva, em situação de aula virtual pode tornar-se fator desencadeante de conflitos.

A metodologia utilizada nessa pesquisa segue os parâmetros da pesquisa qualitativa e quantitativa. Para a coleta de dados foram utilizadas as informações disponibilizadas no relatório de avaliação de cinco disciplinas do Curso de “Design Instrucional” ofertado por uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública do Estado de Minas Gerais, no ano de 2013. Mediante o exame das respostas aos questionários disponibilizados pelos alunos ao final das disciplinas buscou-se demonstrar as intercorrências de julgamento subjetivo registradas durante o processo, bem como as possibilidades de seu aproveitamento, considerando as perspectivas de avaliação do programa e da avaliação do aluno.

Apresentadas estas considerações preliminares, cumpre discutir, na primeira seção, o conceito de subjetividade que permeia a avaliação educacional e que nos cursos virtuais se acredita ser preponderante. Em seguida propõe-se analisar o contexto da avaliação no curso de “Design Instrucional” ofertado pela IES. Em continuidade, e após descritos os materiais e métodos utilizados na pesquisa centra-se a discussão no processo avaliativo praticado no curso em análise contrastando-o com os dados colhidos nas avaliações das disciplinas.

### **Subjetividade em avaliação educacional**

Diversos autores têm estudado sobre os caminhos avaliativos trilhados no interior de um curso de graduação na modalidade a distância, alertando para a importância das relações entre os atores que o constituem (JESUS, SANÁBIO E MENDONÇA, 2013). Enquanto aspecto relevante para a educação em geral, também analisaram o caráter da avaliação frente a uma concepção formativa, em ambiente de EAD, percebendo a avaliação formativa como importante faceta dessa modalidade de ensino e aprendizagem (ROSA; MALTEPI, 2006). Na literatura clássica da área, (HOFFMANN, 1996); (LUCKESI, 1995); (PERRENOUD, 1995); dentre outros autores, deslindaram os inúmeros aspectos da avaliação educacional e sua importância na aprendizagem.

A sensibilidade de que a avaliação encontra-se permeada de subjetividade é vista por estas pesquisadoras, e também formadoras do curso em análise, como um viés importante que deve melhor ser explicitado na literatura acadêmica e, assim, colocado em evidência. Para tanto, importa rever o conceito de subjetividade que emerge em diferentes áreas do conhecimento como na Filosofia e na Psicologia, por exemplo. Tem, contudo, em todas elas, origem e referência no sujeito, assumindo diversas conotações.

A subjetividade emerge enquanto objeto juntamente com a ciência psicológica (ZANATA; JABUBASKO, 2009). Nesta seara, a subjetividade é, pois, formada a partir da vivência de cada um e, conseqüentemente, das relações de cada indivíduo com o mundo externo, o que nos faz diferentes dos demais.

Por toda a sua história, o ser humano constrói as suas impressões sobre o mundo e o que há nele, ou seja, a sua subjetividade. Conseqüentemente, o

comportamento das populações é caracterizado na medida em que compartilham valores e crenças formados em suas experiências individuais.

A era tecnológica impõe ao indivíduo, dentre inúmeras aquisições nunca antes registradas na história, um amplo relacionamento com o mundo externo. Supõe-se, portanto, que a subjetividade humana encontra-se ainda mais ampliada em função dessa abertura vivencial e inter-relacional com, por exemplo, coisas, pessoas, lugares, línguas, culturas e sentimentos. “A subjetividade humana em seus limites é importante mediação para a articulação do mundo” (GAMA, 2009, p. 192).

Sob o alicerce da filosofia Kantiana de que o mundo é um vazio a ser preenchido, subjetivo é tudo aquilo que venha a depender do ponto de vista pessoal e que não está fundado ao objeto “mas condicionado somente por sentimentos ou afirmações arbitrárias do sujeito” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 80).

Muito embora ambas as visões psicológica e filosófica sobre a subjetividade se atenham ao campo das perspectivas internas e individuais de desenvolvimento mental, o sentido filosófico parece melhor incorporado àquilo que se pratica em avaliação educacional. Entende-se, pois, que muito do que se avalia, geralmente com conotação classificatória, se presta ao pretensioso papel de medir e de quantificar, com a subjetividade do avaliador a subjetividade do aluno.

Na educação, o uso de instrumentos adequados permite medir aspectos qualitativos e quantitativos do comportamento humano, indicando o que o aluno aprendeu ou está aprendendo. Tais aspectos, são indicadores variáveis da personalidade, tais como: “traços de caráter, de temperamento, capacidade de ajustamento, interesses, atitudes; ou aspectos relacionados diretamente com a aprendizagem sistemática” (BORDENAVE; PEREIRA, 1999, p. 25).

O próprio sentido de avaliar reveste-se de subjetividade na medida em que se presta a servir ou desservir aos interesses do curso e de seus idealizadores.

[...] uma escola está longe de ser uma "grande família", já que é sempre permeada por tensões entre direção e corpo docente, entre diferentes tendências pedagógicas e ideológicas, às vezes entre prédios diferentes, entre cursos diversos, entre corpos docentes de orientações e estatutos diferentes, entre literatos e cientistas, entre professores de disciplinas técnicas e os de cultura geral numa escola profissionalizante, entre professores e assistentes numa faculdade (PERRENOUD, 1995, p. 197)

É, pois, indissociável o caráter subjetivo que dita os parâmetros da avaliação. “[...] as teorias de avaliação não são neutras e sempre correspondem às diferentes concepções sociais de mundo” (GAMA, 2009, p. 190). Nota-se, por exemplo, que o registro de opiniões por meio de produções textuais é uma atividade bastante comum na Educação a Distância. A avaliação das interações dos cursistas é regrada com critérios ditos objetivos, já que se é comum definir os níveis para a futura pontuação dos mesmos. Contudo, essas definições envolvem valores, nos quais

presume-se alguma subjetividade. Certamente a escolha das competências a serem avaliadas e a pontuação dos níveis podem privilegiar alguns cursistas e prejudicar outros. Deveria a avaliação possibilitar o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos, a observação da “competência” dos docentes e a adequação da didática e da metodologia de ensino. Todavia, nem sempre o processo é concluído, ou mesmo ressignificado. “Se os sistemas de EaD são hoje realidade, e em processo de nítida expansão, a forma como devem ser avaliados do ponto de vista institucional ainda carece de um aprofundamento” (JESUS; SANÁBIO; MENDONÇA, 2013, p. 2).

Abordando as peculiaridades da produção textual, muito comum nos processos de ensino em EaD, avaliar continua sendo uma ação muito subjetiva no que diz respeito à inferência de sentidos possíveis os quais o aluno quis expressar. Todavia, passa a ser também uma tarefa que demanda maior objetividade quando nos referimos às “regras do jogo”, nas quais não se admite desvios, plurissegmentações e diversidade de considerações. A impessoalidade, portanto, de forma geral, coexiste com a subjetividade no ensino e transfere para a avaliação maior complexidade e cuidado.

### **O contexto da avaliação no curso de “*Design Instrucional*”**

A Educação a Distância possui um formato peculiar, e para tanto, exige do profissional que a conduz conhecimentos didático-pedagógicos também específicos, nem sempre utilizados na educação presencial. Este profissional de evidência na EaD é o “*Design Instrucional*” que necessita de uma formação especializada para criação de artefatos educacionais, além de conhecimentos pedagógicos baseados nas teorias de aprendizagem (GOTARDO; SOUZA; HRUSCKLA JUNIOR; VIANA, 2012, p. 3).

Algumas universidades oferecem cursos de pós-graduação Lato sensu voltados, especialmente, para a qualificação técnica e acadêmica destes profissionais que recentemente foram reconhecidos pela legislação trabalhista do país.

O Curso de “*Design Instrucional*”, vem sendo oferecido pela IES desde 2007, quando esta firmou o convênio com a Universidade Aberta do Brasil (UAB). O curso é ofertado na modalidade a distância, por meio de Polos de Apoio Presencial, com carga horária de 360 horas e duração de 18 meses. O público alvo são alunos graduados que atuam ou que tenham interesse em atuar no planejamento de disciplinas e/ou cursos e/ou treinamento instrucional (educação corporativa) para a educação virtual, pela internet ou intranet para qualquer área e nível. Inclui também, pesquisadores ou profissionais graduados envolvidos em gestão de treinamento e gestão de conhecimento em instituições de ensino, empresas e indústrias.

Sempre que é ofertado um curso, há uma grande demanda de alunos interessados que se inscrevem em um sistema de identificação automática programado para o atendimento de polos específicos. Geralmente, o número de vagas é insuficiente e os candidatos são selecionados automaticamente com base

em um critério principal que é a análise de currículo, pontuado pelo sistema de acordo com os requisitos pré-estabelecidos pela equipe de coordenação (também subjetivos). Segundo informações da Secretaria da IES, o processo seletivo para a Especialização em “*Design Instrucional*” do polo analisado contou com 306 inscrições. Destas 227 (74,18%) foram confirmadas e 79 (25,02%) não foram. A relação de candidato/vaga foi de 4,45.

O curso de “*Design Instrucional*”, ofertado pela IES realiza-se no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle. Este curso requer a colaboração de diversos profissionais qualificados que exercem a função de professores, coordenadores, tutores, revisores, designers instrucionais, técnicos de informática, dentre outros. Deveria, neste ambiente de novas demandas e linguagens, a avaliação cumprir o papel reorientador da aprendizagem para aprimorar no sujeito as capacidades de aprender a aprender, de participar, de pesquisar e de construir. E, assim, melhorar a sua visão de mundo e suas aptidões para nele interferir. Todavia, mesmo utilizando o aporte da tecnologia, a Educação a Distância ainda pratica, em termos avaliativos, os mesmos processos tecnicistas da educação formalizada.

As avaliações do aluno no curso de “*Design Instrucional*” geralmente ocorrem na modalidade assíncrona, de forma individual ou grupal, em momentos presenciais ou não. São aplicadas as modalidades de avaliação diagnóstica, formativa e somativa, em acordo com os objetivos e atividades planejadas.

Espera-se que o aluno, orientado pelo professor nas atividades de uma determinada disciplina, realize dentro de determinados critérios pré-estabelecidos, uma tarefa específica que envolve o conteúdo proposto para estudo. Nas avaliações propostas nas disciplinas, com data e hora marcada, o aluno agrega ao ambiente de aprendizagem, sua participação em trabalhos diversos que envolvem o conteúdo estudado. Atividades disponíveis no AVA Moodle como: tarefas, exercícios e participação em fóruns de discussão, são bastante exploradas. O trabalho é então avaliado por tutores e/ou professores. “A observação intensiva feita pelo professor pode ser utilizada para coletar evidências sobre o desempenho do aluno” (SILVA; SILVA, 2009, p. 78).

No que se refere à forma de avaliação da aprendizagem utilizada no Curso de “*Design Instrucional*”, as vias, subjetiva/objetiva ou qualidade/quantidade, apresentam-se para medir aquilo que o aluno aprendeu e verificar sua habilidade para reproduzir sobre determinado assunto. “[...] o problema mais geral da avaliação é a ausência de um conceito integral do aluno já que as provas medem somente certos aspectos do mesmo, podendo ser injustas ao negligenciar aspectos importantes” (BORDENAVE; PEREIRA, 1999, p. 32).

É sobre este exato aspecto que este artigo se presta a refletir. A avaliação como prática construída puramente a partir da classificação de resposta e sustentada na avaliação formal é determinada por uma nota que encerra todo o trabalho realizado pelo aprendiz, desconsiderando as diferenças individuais, culturais e sociais, com um resultado mensurado de forma comprometida e uniforme.

Há um equívoco implícito na consideração de que esse tipo de prática seja considerada como avaliação (LUCKESI, 1995). De fato, ela reduz a reflexão sobre as ações dos sujeitos aos limites de uma verificação, na qual se opera um recorte no processo de ensino-aprendizagem que considera a manifestação de conteúdos que foram memorizados pelos alunos. No momento ritual da avaliação, a expressão do que foi assimilado é condicionada a uma forma de registro unificada. Como já evidenciado, é, pois, muito subjetivo em uma avaliação, quantificar o aprendizado daquilo que o aluno produziu sobre determinado assunto e estabelecer os resultados obtidos após a mesma.

Não há dúvidas de que a aprendizagem deva ser algo prazeroso e, portanto, muito cuidado há de se ter com o sistema avaliativo, que muitas vezes se apresenta desmotivador e capaz de assegurar a seletividade social. “[...] as tarefas, na escola, deveriam ter o caráter problematizador e dialógico, momentos de trocas de ideias entre educadores e educandos na busca de um conhecimento gradativamente aprofundado” (HOFFMANN, 1996, p. 66).

Para este fim, importa priorizar por elaborar estratégias que garantam uma avaliação justa, estabelecer seus objetivos, com critérios conscientes que não apenas venham a abranger o objeto de estudo mas, também, que possam considerar a dimensão do comportamento humano, tais como suas impressões, comportamento, entre outras significações, apresentados neste determinado momento. Neste sentido, é imperioso que a subjetividade do avaliador seja suficiente para compreender os sentidos implícitos na manifestação escrita do aluno.

Quando a ação avaliativa contempla resultados que realmente incluam o aluno no centro do processo de aprendizagem, o *feedback* fornecido promove no aluno o exercício do pensar, e ele o transforma em ação. Ao refletir sobre a forma de lidar com as situações propostas, o aluno será capaz de aprender além dos conceitos construídos sob a mediação do professor, ou seja, desperta para novas possibilidades e perspectivas segundo os preceitos da ciência, e neste contexto, “a ligação mais forte do saber pensar é a gestação da autonomia” (FREIRE, 1997, p. 18).

Sob este olhar subjetivo, há de se fazer uma reflexão profunda para se adotar os critérios avaliativos. Diante desta complexidade, o sucesso ou fracasso do aluno, são conseqüentemente determinantes ao se realizar uma avaliação. Neste sentido, pode-se primar em reforçar as experiências pessoais, o aprendizado e a produção do aluno, ou por outro lado, gerar frustração e desânimo pelos resultados obtidos.

### **3. Materiais e Métodos**

Para esta pesquisa, que possui caráter exploratório, foram investigadas cinco disciplinas do curso de “*Design Instrucional*” ofertado no ano de 2013, conforme Quadro 1. Essas disciplinas são ofertadas no ambiente virtual de aprendizagem “Moodle”.

**Quadro 1** - Disciplinas do curso de “*Design Instrucional*”.

<b>Sigla</b>	<b>Nome</b>
EDI01	Capacitação em ambiente virtual para EaD
EDI02	Planejando um curso EaD para <i>web</i>
EDI03	Desenvolvendo cursos para <i>web</i> focados no aprendizado
EDI04	Avaliando o ensino e a aprendizagem de um curso pela <i>web</i>
EDI05	Incentivando o aprendizado virtual através do relacionamento

Ao final de cada disciplina, foi disponibilizado um questionário para avaliação da efetividade com vinte e quatro questões que envolviam os seguintes aspectos: autoavaliação, qualidade da disciplina, relacionamento com professor, tutor e qualidade do atendimento do suporte de tecnologia da informação.

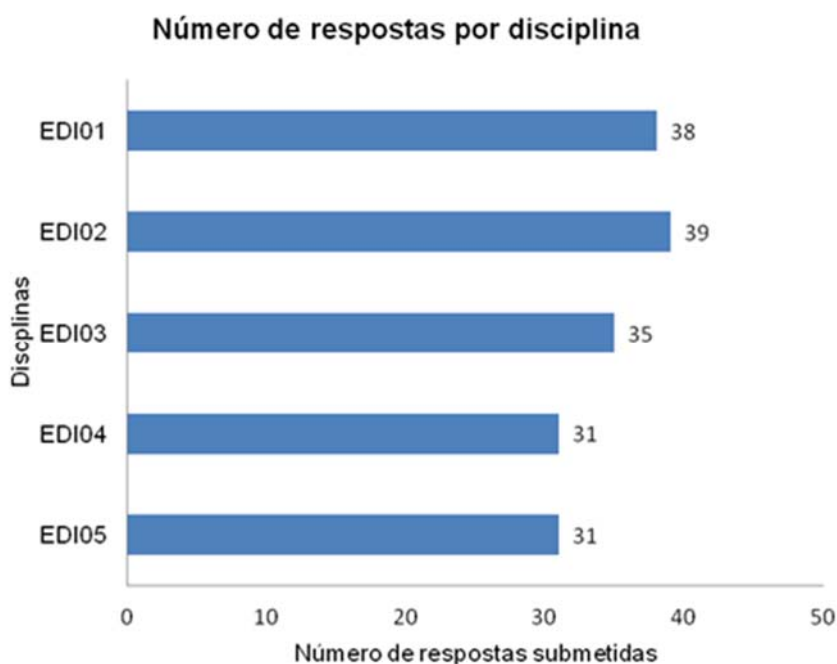
Para este artigo, foram analisadas as questões relacionadas à autoavaliação, conforme Quadro 2. Essas questões apresentam respostas fechadas, as três primeiras possuem valores que variam de 1 a 10, a última questão apresenta os seguintes itens: a disciplina me fez refletir e mudou minhas percepções sobre o assunto; a disciplina me fez refletir e mudou meu modo de pensar; a disciplina me fez refletir e mudou minha conduta a respeito do assunto; a disciplina me fez refletir, mas não mudou minha conduta a respeito do assunto.

**Quadro 2** - Questões investigadas nesse trabalho.

<b>Número</b>	<b>Questão</b>
1	Como você considera a sua dedicação a esta disciplina? Responda com um valor de 1 (Dediquei-me pouco) até 10 (Dediquei-me muito)
2	Você realizou as atividades da disciplina na sequência e prazo em que foram propostas? Responda com um valor de 1 (0%) até 10 (100%)
3	Você gerenciou seu tempo para as atividades de forma satisfatória? Responda com um valor de 1 (Em nenhuma atividade) até 10 (100 % do tempo: Em todas as atividades)
4	Qual a sua reflexão sobre esta disciplina?

Os questionários foram respondidos por 38 alunos na disciplina EDI01, 39 pessoas na disciplina EDI02, 35 pessoas na disciplina EDI03, 31 pessoas na disciplina EDI04 e EDI05, conforme Figura 1.



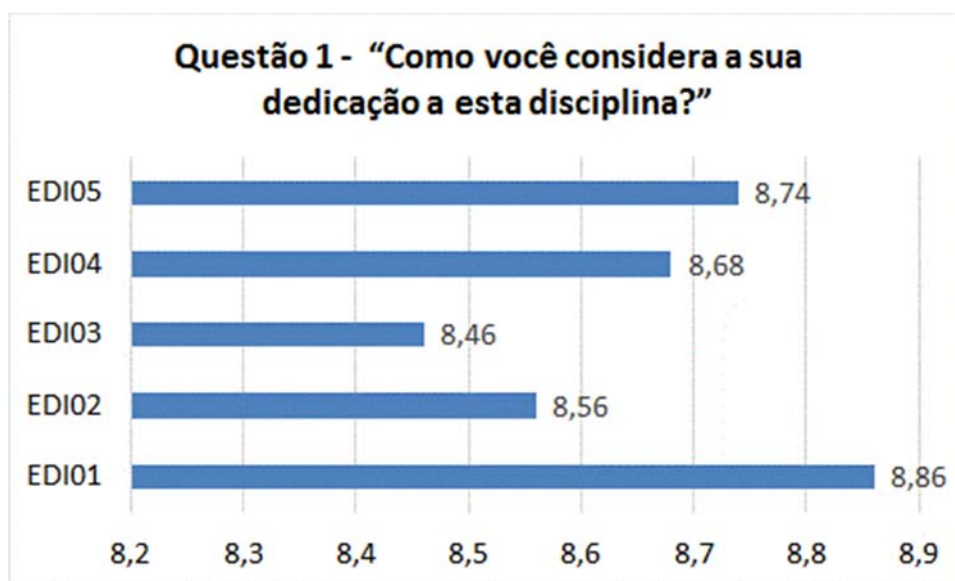


*Figura 1 - Número de respostas submetidas para análise por disciplina.*

#### **4. Resultados e Discussão**

A análise da autoavaliação dos alunos nas disciplinas do curso em questão mostra que este expressa, em dados quantificáveis, sua dedicação, organização e comprometimento com relação às atividades propostas. Ainda que relativizada a verificação da expressão dos alunos, é evidente a conotação subjetiva presente nas respostas. Tais atributos não são contemplados na avaliação pontual de cada disciplina, e é com este argumento que se está a sugerir um novo olhar para a importância desses dados e seu aproveitamento em cursos futuros.

Ao se analisar as respostas da questão 1 “Como você considera a sua dedicação a esta disciplina?” nas cinco disciplinas, conforme Figura 2, nota -se que o aluno apresenta aos formadores que iniciou o curso com grande dedicação. Fatores como entusiasmo, expectativa, curiosidade, necessidade de aperfeiçoamento, entre outros, estão subentendidos na média alcançada. Contudo, a dedicação se mostra decrescente nas demais disciplinas. Neste aspecto, muitas outras questões subjetivas podem ser contempladas do fato observado e levam ao questionamento principal de como e por que o aluno vai se desinteressando do curso.



**Figura 2 - Média das respostas da questão 1 “Como você considera a sua dedicação a esta disciplina?”**

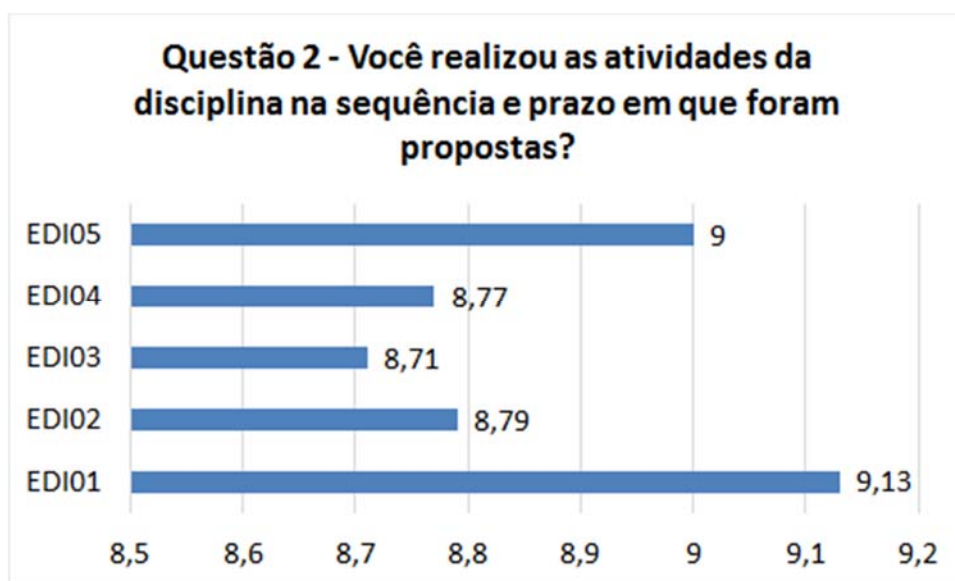
Nos valores atribuídos pelo aluno de 1 a 10 para medir a sua dedicação na disciplina, a média encontrada foi de 8,66. A queda do interesse em relação às disciplinas estudadas registra maior queda na EDI03 (4,51% em relação a EDI01). A disciplina EDI03 trata das abordagens teórico-pedagógicas de cursos EaD e ressalta a preparação do futuro *designer* para o exercício da função com fundamentação pedagógica. Uma razão encontrada para oscilação do grau de compromisso manifestada pelos alunos diz respeito à falta de motivação própria para o estudo, característica esta também subjetiva, mas indispensável para a realização de cursos virtuais (GOTARDO et al, 2012). Registra-se que a motivação que levou o aluno a dedicar-se para o trabalho na realização dos objetivos previstos não é valorada para que se mantenham os níveis obtidos, por exemplo, o evidenciado na EDI01.

Uma vez estabelecidos os procedimentos de avaliação, os instrumentos e as medidas, a atribuição de conceitos e sua aplicação, ou seja, as classificações, segundo determinados padrões, passam (esses procedimentos) a ser vistos como atividades técnicas e neutras ao invés de formas interpretativas e expressivas das relações sociais que estão incorporadas dentro da própria ideia de avaliação. (BARBOSA; VIDIGAL; CUNHA, 1991).

Nesta tênue linha subjetiva da prática avaliativa propõe-se observar e reconstruir, de forma significativa, as ações educativas no curso de “*Design Instrucional*” a fim de evitar limitações na interpretação do contexto avaliativo e contribuir para ações positivas de reconhecimento e fortalecimento da expressão de múltiplos saberes, permitindo sua existência e valorizando a diversidade de

aprendizes e sua dedicação na aprendizagem de novos conhecimentos. A motivação para o estudo é fator preponderante para a aprendizagem e deve, portanto, ser valorada.

Quando se perguntou sobre a realização das atividades da disciplina na sequência e prazo, os alunos atribuíram notas de 1 a 10, registrando a média por disciplina que variou de 9,13 na disciplina EDI01; 8,79 na disciplina EDI02; 8,71 na disciplina EDI03; 8,77 na disciplina EDI04 e, finalmente, 9 na disciplina EDI05, conforme Figura 3.



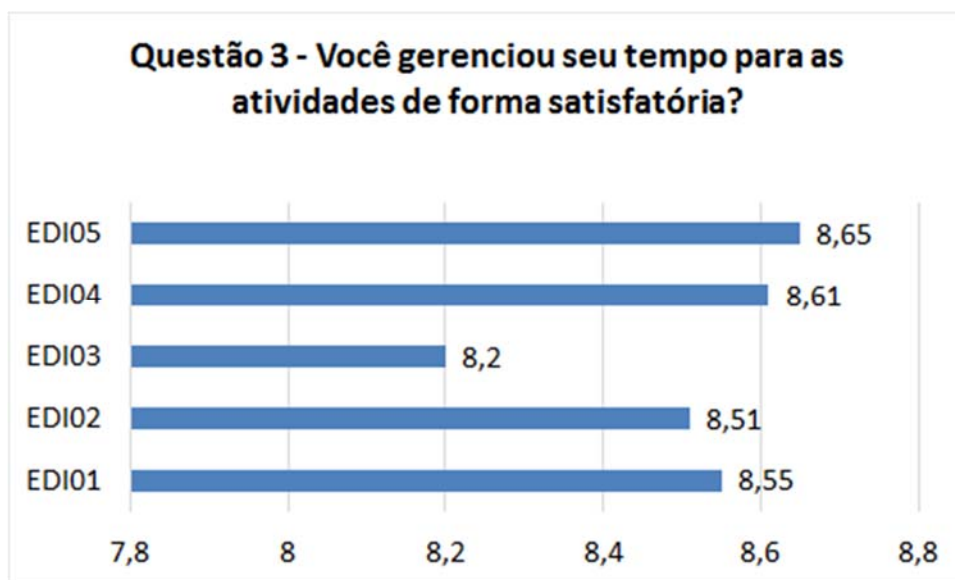
**Figura 3 - Média das respostas da questão 2 “Você realizou as atividades da disciplina na sequência e prazo em que foram propostas?”**

Neste caso, os alunos respondentes registraram a Disciplina EDI04 com a menor pontuação e média igual a 8,77. Ainda assim, os resultados são bons, considerando a média de quase 9 pontos. Reitera-se, novamente, a necessidade de incorporar a autoavaliação do aluno aos seus resultados finais de rendimento da disciplina.

Outro questionamento significativo apurado no questionário de avaliação da disciplina diz respeito ao gerenciamento do tempo de trabalho. Em notas atribuídas pelos alunos de 1 até 10, a média da pontuação por disciplina é mostrada na Figura 4.

Os alunos iniciam o curso gerenciando bem o seu tempo de realização de atividades (8,55 na EDI01). Novamente, a disciplina EDI03 registra queda (8,20) o que leva a questionar se as atividades estão adequadas. A disciplina EDI05 alcança a maior média (8,65), o que supõe a completa adaptação do aluno ao ambiente e ao modelo de aprendizagem.

Neste ponto, é passível do formador do Curso de “*Design Instrucional*”, ao apresentar ou pontuar os resultados classificatórios de seus alunos, deixar de mensurar de forma positiva a maneira com que eles têm realizado as atividades, indiferentemente se estas estão corretas ou não. Isso, com a finalidade de encorajar o aluno a reorganizar seus saberes, dedicando-se mais aos estudos.



**Figura 4 - Média das respostas da questão 3 “Você gerenciou seu tempo para as atividades de forma satisfatória?”**

É fundamental, neste caso, a organização prévia e utilização de estratégias avaliativas inovadoras, abertas às trocas de ideias e apontamentos acerca do que o aluno poderia ter de mais proveito, caso se dedicasse mais e melhor nos estudos da formação pretendida.

Ao refletir sobre a disciplina, o aluno responde se esta não o fez refletir; se o fez, mudou suas percepções; mudou seu modo de pensar; mudou sua conduta ou não, conforme Figura 5.

Segundo os alunos, a competência “provocar reflexões e mudar percepções” é característica marcante em todas as disciplinas. Obviamente, é este também o objetivo do curso. A questão que se impõe é: o objetivo da disciplina foi alcançado? Os respondentes demonstram que sim. Por que então não valorá-los visto que o objetivo do curso foi alcançado?

Entre os domínios do pensamento e da atividade do docente existe uma relação recíproca. As ações desenvolvidas pelo professor têm a sua origem, maioritariamente, nos seus processos de pensamento, os quais, por sua vez, são afetados pelas suas ações (CLARK; PETERSON, 1990, p. 451).

Mesmo considerando a sofisticação da tecnologia passível de ser utilizada no ambiente de aprendizagem, acredita-se que é possível contribuir de forma mais significativa para a interatividade, autonomia e colaboração dos alunos do curso estudado mediante uma avaliação mais ampla, em que prevaleça a cooperação e a inclusão e não a competição e a exclusão.



*Figura 5 - Respostas referentes a questão "Qual a sua reflexão sobre esta disciplina?".*

### Considerações Finais

A realização de cursos em ambientes virtuais de Educação a Distância é, sem dúvida, uma metodologia de sucesso para alavancar o processo de ensino e de

qualquer tipo de aprendizagem. Diversas pesquisas têm se intensificado nesta perspectiva, mostrando o quanto a tecnologia pode minimizar as dificuldades de implantação de projetos que possam abranger uma educação para todos. É imensurável o contexto educativo, bem como as ações interativas e colaborativas que neste espaço podem ser desenvolvidas.

Na elaboração de cursos ofertados em ambientes virtuais, o curso de “*Design Instrucional*” exerce papel relevante e indissociável dos referenciais didáticos e metodológicos que constituem a base da aprendizagem, seja ela presencial ou não. Todavia, emerge a necessidade de se ofertar aporte na especialização para que, dentre outros aspectos importantes, a avaliação proposta nos cursos por ele planejados não se afaste das teorias de aprendizagem e dos princípios da filosofia e psicologia educacionais.

No tocante à exigência da pesquisa, a questão da subjetividade em avaliação ficou evidenciada não apenas nos dados extraídos dos questionários respondidos ao final das disciplinas do curso de “*Design Instrucional*”, como também na elaboração dos mesmos, a partir do interesse e da vivência do grupo de idealizadores. Pertinente, portanto, que as respostas dos alunos venham a se constituir em dados utilizáveis para a formação do especialista.

Nesse sentido, em ambientes virtuais de aprendizagem é também necessário enfrentar e trabalhar as desigualdades para contribuir com uma sociedade mais justa. Sustenta-se que em um ambiente colaborativo, há de se considerar a subjetividade dos sujeitos, sob o risco de comprometer-se a interatividade que caracteriza a “escola” virtual.

### Referências

- ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H. *Filosofando: introdução à Filosofia*. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2009.
- BARBOSA, A.S.; VIDIGAL, C.C.; CUNHA, N.R. *Algumas reflexões sobre o processo de avaliação do curso de administração realizado na UFV*. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 1991. Disponível em: <[http://www.angrad.org.br/\\_resources/files/\\_modules/producao/producao\\_420\\_201212051834228e9c.pdf](http://www.angrad.org.br/_resources/files/_modules/producao/producao_420_201212051834228e9c.pdf)>. Acesso em: 2 mar. 2014.
- BEST, J.W. *Como investigar en educación*. 2.ed. Madri: Morata, 1972.
- BORDENAVE, J.D.; PEREIRA, A.M. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CLARK, C.M.; PETERSON, P.L. Procesos de pensamiento de los docentes. In: Wittrock, M.C. *La investigación de la enseñanza. Profesores y alumnos*. Barcelona: Paidós Educador, p. 444-543, 1990.

- FILATRO, A. *Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia*. São Paulo: Senac, 2007.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GAMA, Z. Avaliação educacional: para além da unilateralidade objetivista/subjetivista. *Estudos de Avaliação Educacional*, v. 20, n. 43, p. 60-72, ago., 2009.
- GOTARDO, R.A. et al. Teorias de aprendizagem na EaD: fundamentação no uso de recursos do design instrucional e design interacional. *Simpósio Internacional de Educação a Distância / Encontro de Pesquisadores de Educação a Distância*, Anais... set. p. 1-13, 2012.
- HOFFMANN, J. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré escola à universidade*. 8.ed. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- JESUS, D.P.; SANÁBIO, M.T.; MENDONÇA, R.S. Pensando a avaliação institucional no ensino superior: desafios e perspectivas para adequação a um curso a distância. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA, X, *Anais...* Belém, 2013. Disponível em: <<http://www.aedi.ufpa.br/esud/trabalhos/poster/AT5/112789.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2014.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. *Técnicas de pesquisa*. 4. São Paulo: Atlas, 1999.
- LUCKESI, C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1995.
- MARTINS, R. X. et al. Por que eles desistem? Estudo sobre a evasão em cursos de licenciatura a distância. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA, X, *Anais...* Belém, 2013.
- MOREIRA, P.R. et al. Evasão escolar nos cursos de graduação a distância. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA, X, *Anais...* Belém, 2013. Disponível em: <<http://www.aedi.ufpa.br/esud/trabalhos/oral/AT5/114373.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014.
- PARDINAS, F. *Metodología y técnicas de investigación en ciencias sociales: introducción elemental*. 2. México: Siglo Veintiuno, 1997.
- PERRENOUD, P. A avaliação dos estabelecimentos escolares: um novo avatar da ilusão cientificista? *Ideias*, 1995, n.30, p.193-204.
- SILVA, A.C.; SILVA, C.M.T. *Avaliação de ambientes virtuais de aprendizagem*. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- ZANATA, F.L.; JABUBASKO, A. O elo entre o desenvolvimento tecnológico e a subjetividade humana. In: CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVAG, 2009.